



TRANSMISSÃO DE TEXTO: O CASO PESSOA¹

TEXT TRANSMISSION: THE CASE PESSOA

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida²
*Universidade de São Paulo*³

Resumo: O levantamento de variantes ou alterações ou modificações surgidas no processo de transmissão de um texto literário é, na execução de uma edição crítico-genética, por exemplo, a etapa que exige atenção especial do editor. Esse cuidado é necessário porque é desse levantamento que se busca eleger, dentre as variantes, as que são autorais em detrimento das não autorais no momento da composição do texto final. Para tratar dessa linha de investigação e mostrar sua importância para os estudos literários, destacamos, neste texto, o caso da transmissão do primeiro poema de *O guardador de rebanhos* de Alberto Caeiro (Fernando Pessoa).

Palavras-Chave: Transmissão de texto. Crítica textual e genética. *O guardador de rebanhos*. Fernando Pessoa.

Abstract: *The survey variants or changes or modifications arising in a process of a text transmission is the execution of a critical gene-editing, for example, the step that requires special attention from the editor. This precaution is necessary because it is this survey that seeks to be elected from among the variants, which are copyright to the detriment of non-authorship at the time of the final text composition. To address this line of research and show its importance to literary studies, we highlight in this text, the case of transmission of the first poem The keeper of sheep of Alberto Caeiro (Fernando Pessoa).*

Keywords: *Text transmission. Textual criticism and genetics. The keeper of sheep. Fernando Pessoa.*

¹ Este artigo replica reflexões de aulas, conferências e textos sobre o tema. Serviu de base principal: Santiago-Almeida (2011).

² manoelmsah@gmail.com

³ USP, CNPq, Fapesp.

Quem conhecesse o dia a dia de Fernando Pessoa não teria dúvida em cancelar que 8 de março de 1914 seria mais um dia (ou noite) igual a tantos outros (ou quantas outras)...

O poeta andaria pelas ruas e becos de Lisboa – no Chiado, ou no Rossio, ou na Baixa Pombalina. Não, todavia, sem rumo certo ou de cabeça vazia. Porque sabia de olhos vedados, se assim os quisesse, o caminho – com seus sinais evidentes e ocultos – que diuturnamente o tem conduzido, há um tempo que não se conta, à cave ou bodega ou (no nosso jeito de brincar sem maldade) ao boteco de que tanto gostava. Na adega de Abel Pereira da Fonseca, era *persona* assídua. Diriam outros, exagerando, ubíqua. Por que lá e não num ambiente bucólico que rimasse com a temática d’*O guardador de rebanhos*?

Não há resposta absoluta! Há simplicidade na ilação: porque lá seria um dos melhores refúgios onde, pela vitalidade à flor da pele do lugar que faz a essência de quem tem alma de poeta se manifestar, tem deixado ou buscado suas figuras: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Bernardo Soares, Ricardo Reis ou a si mesmo. Ou a todos e a si mesmo ao mesmo tempo.

Sendo assim, não há exagero em conjecturar que Pessoa, em busca da onisciência poética, se fazia, sem tanto exagero assim, onipresente na *Taberna d’Abel*. E, possivelmente, além de descrever seu itinerário fixo e móvel, seria capaz, se desafiado fosse, de detalhar as feições de toda a gente que, como ele (ou eles), sempre por lá estava em busca ou oferta de “orgué” – que é o mesmo que animação ou “pulsão”.

Mas aquela noite (ou dia) não seria igual a tantas outras (ou quantos outros)... Aquele era o “dia triunfal” de 8 de março de 1914. Para aquele “dia”, teria Pessoa, sob a *persona* de Caeiro, guardado inspiração para, num fluxo de gracilíssimo pensamento poético, presentear a humanidade com os poemas que compõem o ciclo d’*O guardador de rebanhos*.

Foram “trinta e tantos poemas a fio” (cf. Figura 1) que pulsaram, assim, naturalmente como se respira, da verve de Alberto Caeiro, própria e comum, mas bastante rara, de quem é poeta de verdade. Fernando Pessoa, sem dúvida, é um desses poetas de verdade.

Então, não há argumento que se conteste. A existência do tal “dia triunfal” há de ser fato. Principalmente considerando que essa afirmação veio “do próprio Pessoa (ou de porta-vozes heteronímicos), [...] descrevendo em pormenor gestos, situações e até posições do corpo” (CASTRO, 2006) durante a epifana criação do “guardador”, como atesta este excerto da carta do poeta,

datada de 13 de janeiro de 1935, endereçada a Adolfo Casais Monteiro, transcrito por Castro (2015):

Figura 1 – Excerto da carta

Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título — «O Guardador de Rebanhos». E logo o nome de Alberto Caeiro.

Fonte: (CASTRO, 2015, p. 10).

No mesmo texto, Castro transcreve o que atesta Ricardo Reis, um desses heterônimos, referindo-se à gênese do “guardador” de Caeiro: “perfeita – quando já não é perfeitíssima – é a construção e o desenvolvimento de cada poema – cada um erguendo-se limpo e safo do acto espiritual que lhe deu origem”.

Acontece que...

Como se sabe, Caeiro, que é o mesmo que *caeyro*, é, desde o século XVI, o rascunho de “caieiro” (aquele que fabrica ou vende ou transporta cal, e pinta com cal, caiador), como Pessoa é o presente a limpo de *persona*, que, em latim, nomeia a máscara usada pelos atores de teatro – e daí, por extensão, temos “personagem”.

Por esse percurso etimológico, somado às provas materiais de revisão encontradas nos rascunhos do “guardador”, disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal, cabe a pergunta de Castro (2006) (no texto já citado) sobre a verdade em relação à existência do tal “dia triunfal” em que Pessoa, na *persona* de Caeiro, tenha composto os 49 poemas num estro divinal: “como se concilia a existência dos rascunhos e das numerosas revisões do texto do Guardador com a afirmação de que esse texto nasceu de repente e acabado?”

Tudo parece indicar que tem coelho (ou melhor) ovelha nesse mato! Porque há uma penumbra sobre a duração do tempo em que Pessoa, no ano de 1914, inundava o planeta de muita poesia tendo como pano de fundo as

pastagens lusitanas concretizadas na imaginação de um também imaginado pastor que guarda seus rebanhos.

Não se trata, porém, da mesma penumbra e nem de longe tão assombrosa quanto era a sombra da primeira guerra mundial – desencadeada nos fins de julho do mesmo ano de 1914 – que cobria cidades e campos da Alemanha, França, Itália, Império Austro-Húngaro, Reino Unido e Rússia.

Fato um: enquanto “a Europa se preparava para a guerra, em Lisboa”, Pessoa escrevia os primeiros poemas que “convergiriam para a obra do heterónimo Caeiro”. (CASTRO, 2015, p. 7)⁴

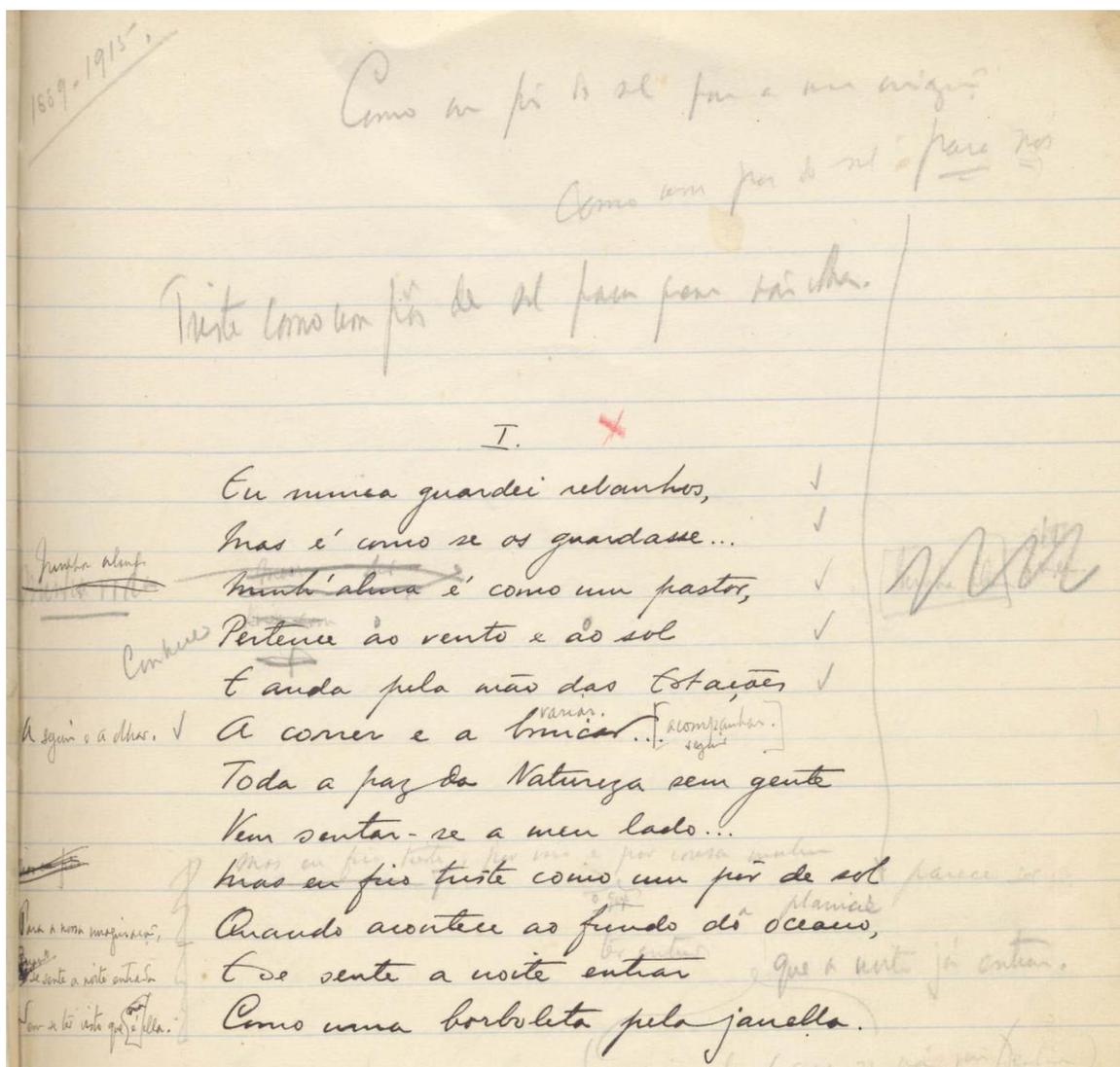
Fato dois: os 13 primeiros versos de uma das cinco versões manuscritas do poema I⁵ já denunciam que o poeta, com a máscara de Ricardo Reis, plantara uma versão mítica sobre a gênese do “guardador”.

Ora, por que se espantar com isso? O poeta é um fingidor! Se finge “que é dor a dor que deveras sente”, por que não fingir que está findo um poema nunca findado?

⁴ São poemas que, ao todo, constituiriam os 49 d’O *guardador de rebanhos*, os 7 d’O *pastor amoroso* e os 72 dos *Poemas inconjuntos*.

⁵ O fac-símile do manuscrito (ou MS) com os 49 poemas, disponível no link que está na legenda da Figura 2, também foi publicado por Castro em (1986).

Figura 2 – Versão do poema I da terceira compilação do ciclo



Fonte: Biblioteca Nacional (http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item302/P13.html).

Analisando compilações e fragmentos, Castro (2006, 2015) levanta evidências de que o “guardador” não veio, assim, de súbito e conclusivo. Dentre outras provas, destacam-se a variedade dos papéis utilizados nos rascunhos e os diferentes instrumentos de escrita empregados. Todo esse material, conclui Castro (2006),

[...] diz-nos, por exemplo, que as primeiras versões dos poemas do Guardador foram escritas em muitos lugares e muitos momentos [...]; diz-nos que a urgência dessa escrita inicial foi compensada por pacientes e assíduas revisões [...].

Principalmente, diz-nos que a gênese do *Guardador* se desdobra ao longo de cinco fases bem diferenciadas.

Embora o “tempo dos rascunhos” do “guardador” esteja entre 4 de março de 1914 a 10 de maio do mesmo ano, envolvendo a data do suposto “dia triunfal” – 8 de março de 1914 –, determinar cronologicamente as fases da gênese de todo o ciclo, com segurança absoluta e datas específicas (a considerar que isso seja possível), ainda é tarefa a espera de mais labor. O que se pode dizer é que, após esse período dos primeiros rascunhos, o “guardador” possivelmente continuou a ser escrito e reescrito até 1930 ou até mesmo a morte do poeta em 1935.⁶

Não há como não perdoar Fernando Pessoa pela brincadeira de nos fazer acreditar nele e de – enquanto nossas almas se extasiam com as 49 doses de pura poesia – nos fazer propagar a existência do “dia triunfal”.

Toda embriaguez, porém, deve ter seu nível de moderação. E ela encontra seu lugar nas versões publicadas de poemas atribuídos a Pessoa. No caso do “guardador”, o que temos, até todo espólio de Fernando Pessoa cair em domínio público, são reproduções que, possivelmente, tiveram como base a edição estabelecida por Montalvor e Simões (1946), 11 anos após a morte do poeta. Trata-se da versão mais difundida e, por servir de base às muitas edições posteriores, é considerada a edição vulgata: responsável pela divulgação ou popularização dos poemas de Alberto Caeiro.

Ao primeiro impulso, porém, basta cotejar a lição de Montalvor e Simões (em negrito) e a transcrição literal do fac-símile (quadro 1), com as emendas – que estão às entrelinhas e margens – entre colchetes, e já se vê as variantes existentes (em itálico) entre o manuscrito de Pessoa e a versão a limpo dos editores que aparentemente não foram sugeridas pelo poeta no rascunho (versos 2, 8, 9 e 11):

⁶ Diz Castro (2015, p. 9) sobre o tema: “Quanto à cronologia real, sabendo-se que Pessoa gostava de emendar os seus textos mesmo depois de terem sido impressos (...), o mais prudente será admitir que a revisão textual do *Guardador* prosseguiu pelo menos até aos tempos do *Pastor* [*Amoroso*] (1929-30), se não até ao fim.”

Quadro 1 – Cotejo

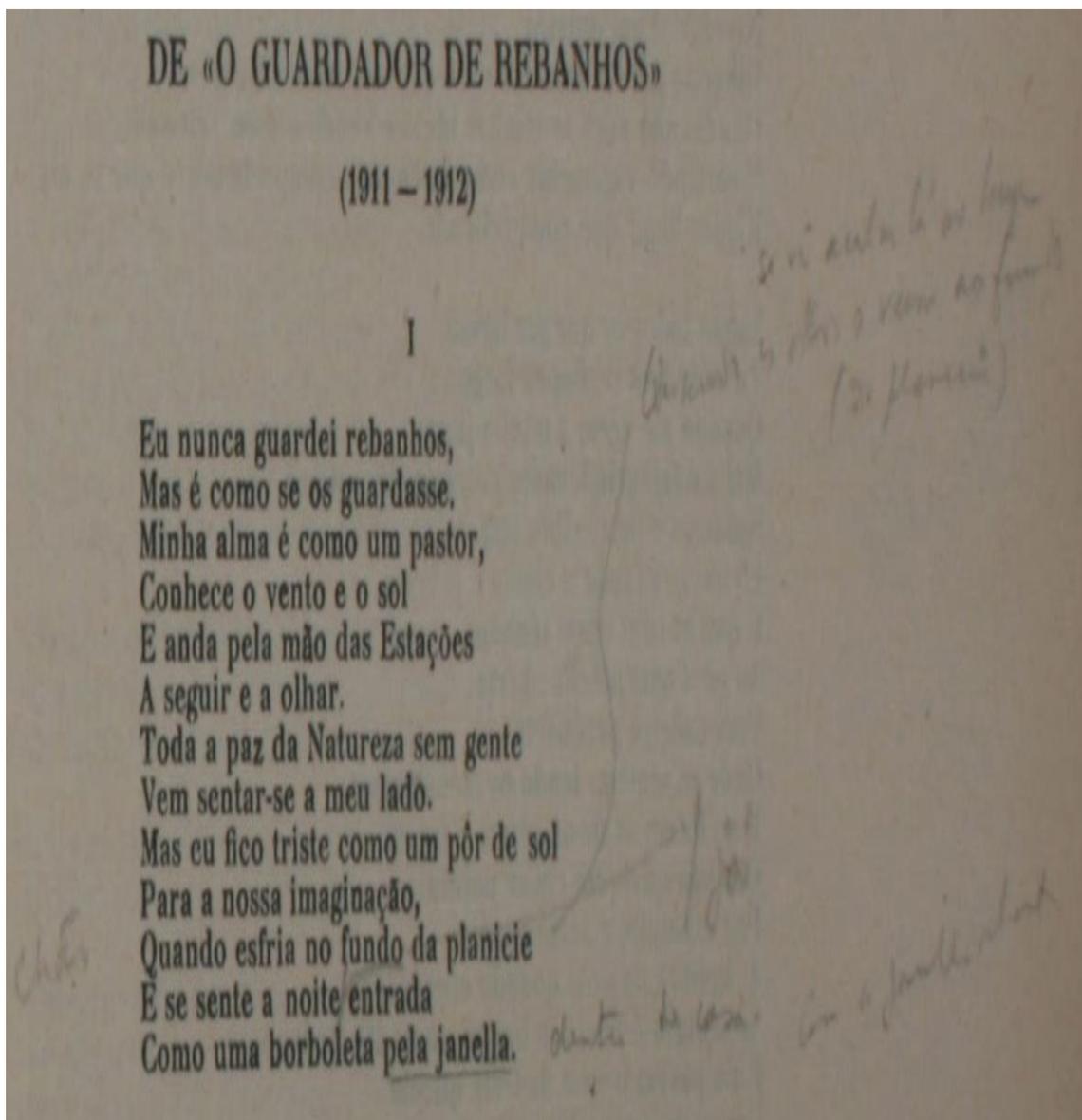
1	Eu nunca guardei rebanhos, Eu nunca guardei rebanhos,
2	Mas é como se os <i>guardasse</i> . Mas é como se os <i>guardasse</i> ...
3	Minha alma é como um pastor, [Minha vida] [Minha alma] Minh'alma [Meu ser] é como um pastor,
4	Conhece o vento e o sol [Conhece] Pertence ao[o] vento e ao[o] sol
5	E anda pela mão das Estações E anda pela mão das Estações
6	A seguir e a olhar. [A seguir e a olhar.] A correr e a brincar... [variar.] [acompanhar.] [seguir]
7	Toda a paz da Natureza sem gente Toda a paz da Natureza sem gente
8	Vem sentar-se a meu <i>lado</i> . Vem sentar-se a meu <i>lado</i> ...
9	Mas eu fico triste como um pôr <i>do Sol</i> [Mas eu fico] [Mas eu fico triste, por isso e por coisa nenhuma] Mas eu fico triste como [o que] um pôr <i>de sol</i> [parece sol]
10	Para a nossa imaginação, [Para a nossa imaginação,]
11	Quando <i>esfriano</i> fundo da planície Quando [acaba] [fica] [dura] <i>acontece ao</i> fundo do[a] oceano, [planície]
12	E se sente a noite entrada [Quando se sente a noite entrada] E se sente a noite entrar [ter entrado] [que a noite já entrou.]
13	Como uma borboleta pela janela. [Sem se ter visto que é ella.] Como uma borboleta pela janella.

Fonte: Adaptado de Montalvor e Simões (1946).

Sendo assim, nos permitimos levantar a hipótese de que há interferência substancial de Montalvor e Simões no poema. Considerando, porém, que esse primeiro poema foi um dos publicados na revista *Athena* em janeiro de 1925, é preciso confrontar a versão que está na *Athena* para aí medirmos a distância que

há entre as três versões: do manuscrito emendado, da edição de Montalvor e Simões e da revista *Athena*.

Figura 3 – Exemplar da revista *Athena* (jan. de 1925) anotado por Fernando Pessoa



Fonte: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/0-28MN/1/0-28MN_item1/P221.html>.

O confronto, em parte, não desfaz a suspeita de que Montalvor e Simões fizeram interferências sem razão aparente no texto de Pessoa. Ficam explicadas as substituições das duas reticências pelos pontos em “guardasse” e “lado” (versos 2 e 8) e de “acontece ao” por “esfria no” (verso 11), mas não explica a

substituição de “de sol” (com “s” minúsculo), assim como estáno manuscrito e na *Athena*, por “do Sol” (verso 9).

Também fica evidente que os dois editores ou desconsideraram as emendas de Pessoa no texto da revista *Athena* ou não tiveram acesso ao exemplar anotado. Se tiveram acesso e tivessem levado em conta as interferências autorais pós-publicação, os versos 11 e 12 estariam na versão vulgata, respectivamente, assim: “Quando se vê acabar lá ao longe” e “E se sente a noite já entrada”. Tudo isso, claro, considerando o critério de se contemplar na edição o registro da última intervenção autoral no texto, como parece indicar ter sido esse o critério de Montalvor e Simões noutras muitas decisões tomadas por eles no estabelecimento d’*O guardador de rebanhos*.

Balizando-se pelos objetivos da crítica textual e genética, atenua Castro (2006): “o editor que se guiar pelas derradeiras intervenções do autor não corre o risco de o desrespeitar. Apenas corre o risco de se enganar ao estabelecer a cronologia das revisões.”

Pois bem, parece ter sido isso o que aconteceu aos editores do “guardador” na primeira edição da *Ática* (1946). Mas, continua Castro (2006), “outro editor virá que o corrija. E assim, pouco a pouco, progressivamente se irão aproximando as edições ao que o escritor deixou materializado ou apenas sugerido sobre o papel, se irá sedimentando e consolidando a verdade das lições do texto.”

O perigo, no entanto, é quando outro editor, ao invés de corrigir, acrescentar “outras verdades” ilídimas.

É, no mínimo, complexo fazer o que Fernando Pessoa em vida não fez: publicar todo o ciclo do “guardador” porque, dos 49 poemas, apenas 24 foram publicados.⁷ Pior ainda é fazê-lo público com feição de obra acabada.

As emendas na versão publicada pela *Athena*, no exemplar que pertenceu a Fernando Pessoa e a não publicação em vida dos outros 25 poemas que completam *O guardador de rebanhos* sugerem que o poeta ainda tinha decisões a tomar antes de considerar uma versão de todo o ciclo pronta para publicação...

Então, por mais que se tente, o “guardador” jamais deixará de ser rascunho. Porque tudo isso nos indica que a forma cabeira do ciclo (se é que

⁷ “Sob o título *Escolhas de poemas de Alberto Caeiro (1889-1915): de ‘O guardador de rebanhos’* (1911-1912), saíram 23 desses poemas na revista *Athena*, de Lisboa, vol. I, 1925, p. 145-156, correspondentes ao fascículo 4, de janeiro; e mais um, com o título *O oitavo poema de O guardador de rebanhos*, saiu na revista *Presença*, Coimbra, vol. II (30), jan.-fev. 1931, p. 6-7.” (CASTRO, 2015, p. 117)

haveria uma) estaria sob as demãos ainda a serem dadas pelo poeta caso não tivesse morrido em 1935. Ninguém, portanto, a contemplará! Apenas, na melhor das vezes, seremos capazes de interpretar e levantar hipóteses sobre as intervenções Pessoa que, sendo o ciclo poético por essência, coerentemente se movimentam como o olhar do pastor que, olhando para todos os lados, guarda cada passo de cada ovelha de cada um dos seus rebanhos e – como o próprio poeta nos ensina no poema II, entregando seu segredo – é capaz de tudo ver “nítido como um girassol”.

Nesses casos, para chegar perto dessa nitidez, a melhor proposta de edição, depois da fac-similar,⁸ é a que nos é oferecida por Castro (2015):⁹ a fixação do texto crítico seguido de aparato genético. E para melhor visão do processo inteiro de transmissão do “guardador”, oferta também o levantamento das variantes da tradição: que consiste na identificação das variantes surgidas do cotejo realizado entre as principais edições existentes do ciclo.¹⁰

Aquém disso – a quem se aventure a dar à luz *O Guardador de Rebanhos* se passando por último caiaador – resta esperar que venha, nos sonos de tais “poetas”, Caeiro cair seus sonhos.

REFERÊNCIAS

- BLECUA, A. *Manual de crítica textual*. Madrid: Editora Castalia, 1990.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANDIDO, A. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- CAEIRO, A. *Poemas*. Edição Luiz de Montalvor e João Gaspar Simões. Lisboa: Ática, 1946.

⁸ Uma edição fac-similar torna-se agora desnecessária por que tudo está disponível no sítio da Biblioteca Nacional Digital de Portugal > Espólio Fernando Pessoa, neste link (<http://purl.pt/1000/1/>), e também no sítio da Casa Fernando Pessoa, neste outro link (<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/>).

⁹ Para o estabelecimento do texto crítico, Castro (2015, p. 23) considerou “a gênese de cada poema e, dentro deste, de cada verso, por gênese se entendendo a reconstituição dos movimentos autorais que deixaram traço inscrito na superfície do suporte ou suportes gráficos e que permitem conhecer as etapas evolutivas do texto desde o ponto original de escrita até ao registo material deixado pela derradeira intervenção, sendo esse registo adotado como lição crítica.”

¹⁰ Além das próprias edições fac-similar do manuscrito emendado com os 49 poemas (1986) e crítica (2015), Castro (2015, p. 25) considera mais importantes: “a 1ª edição da Ática, fonte da ‘vulgata’ caeiriana”, de Montalvor e Simões (1946); a segunda edição de Galhoz (1965), que, embora seja melhor que a de 1946, a tem como texto de base; e as edições modernizadas de Cunha (1994) e de Martins e Zenith (2001).

-
- CAEIRO, A. *Poesia*. Edição Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio e Alvin, 2001.
- CASTRO, I. *Poemas de Alberto Caeiro*. Edição crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015. 4 v.
- CASTRO, I. *Editar Pessoa*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.
- CASTRO, I. *Poemas de Fernando Pessoa: 1921-1930*. Edição Crítica. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.
- CASTRO, I. *Verdades pessoanas*. Lisboa, 2006. p. 54-65. No prelo.
- PESSOA, Fernando. Escolhas de poemas de Alberto Caeiro (1889-1915): de O Guardador de Rebanhos (1911-1912. *Athena* (Lisboa), v. I, p. 145-156, 1925.
- PESSOA, F. *O manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro*. Edição Ivo Castro. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
- PESSOA, F. O oitavo poema de O Guardador de Rebanhos. *Presença*, Coimbra, v. 2 n. 30, p. 6-7, jan./fev. 1931.
- PESSOA, F. *Obra Poética*. Edição Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- PESSOA, F. *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Edição Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença, 1994.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. O rascunho de Pessoa. *Revista Metáfora Educacional*, [S.l.], v. 1, p. 20-21, 2011.

ANEXO

Suposta cronologia dos rascunhos e compilações do primeiro poema completo e de seus fragmentos (CASTRO, 2015, p. 111-118), mais a versão de Montalvor e Simões (1946) e a edição crítica de Castro (2015, p. 29).

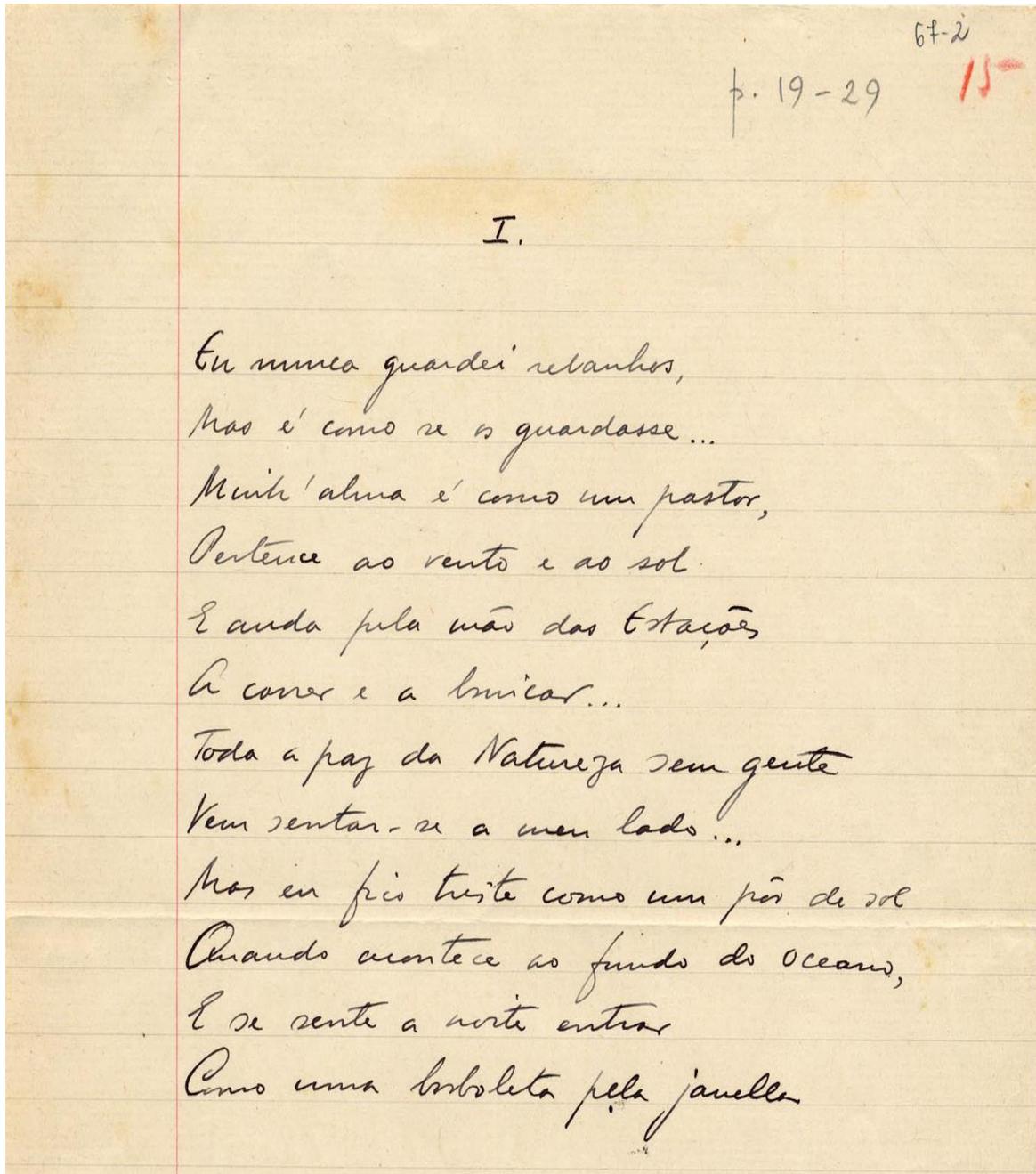
Anexo 1 – Primeiro rascunho (4 de março de 1914)

p. 19-21

I.

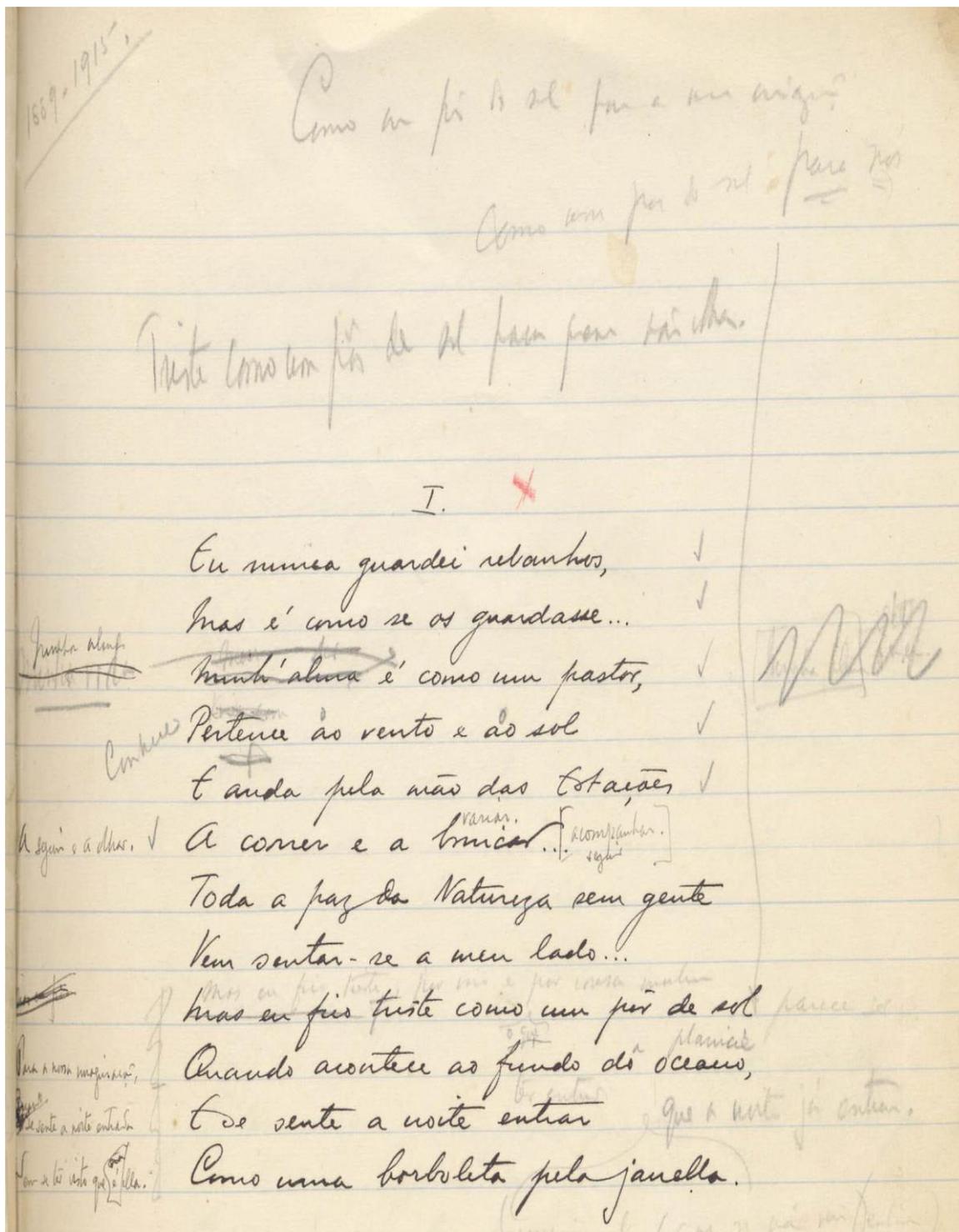
Eu nunca guardei relíquias,
mas é como se as guardasse...
Muita coisa é como um pedaço
pertencendo ao vento e ao sol
e ainda pela mão dos estrangeiros
a correr e a linear...
Tudo a paz da natureza ^{com} ^{gentes} ^{com} ^{homens}
vem sentar-se a meu lado
Mas eu ficois todo como um peixe de mar
Quando acintou os fins do oceano
E se senta a parte enteira
Como uma bolha de água doce...

Fonte: Biblioteca Nacional (http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item175/P2.html).



Fonte: Biblioteca Nacional (http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item84/P1.html).

Anexo 3 – Terceira compilação (data específica a determinar)



Fonte: Biblioteca Nacional (http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item302/P13.html).

Anexo 4 – Fragmento 1 (data específica a determinar)

p. 19 67-1

I,

Eu nunca guardei rebentos,
Mas, e' como se os guardasse.
~~Quil' alma~~
~~Quil' alma~~ e' como um pato,
Pertence ao vento e ao sol,
E anda pela maré do Estacão
A correr e a brincar. (A viver como elles vivem.)
Toda a paz da natureza sem gente
Tem ventos - e a maré lá;
Mas em fim triste, por um e por coisa nenhuma,
Como um fio de sol para a nossa angustia,
Quando acontece ao fundo da planície,
E se sente por a vista chegar um se ver
Como uma bolha ~~pe~~ ~~de~~ ~~se~~ ~~em~~ ~~coza~~.
já dentro de
Mas a criança triste e' sempre
Porque e' natural e justo.

Mas em fim triste, como um fio de sol
Para a nossa angustia
Quando ^{depois} acontece ao fundo da planície
E se sente por a vista chegar
Como uma bolha ~~pe~~ ~~de~~ ~~se~~ ~~em~~ ~~coza~~.

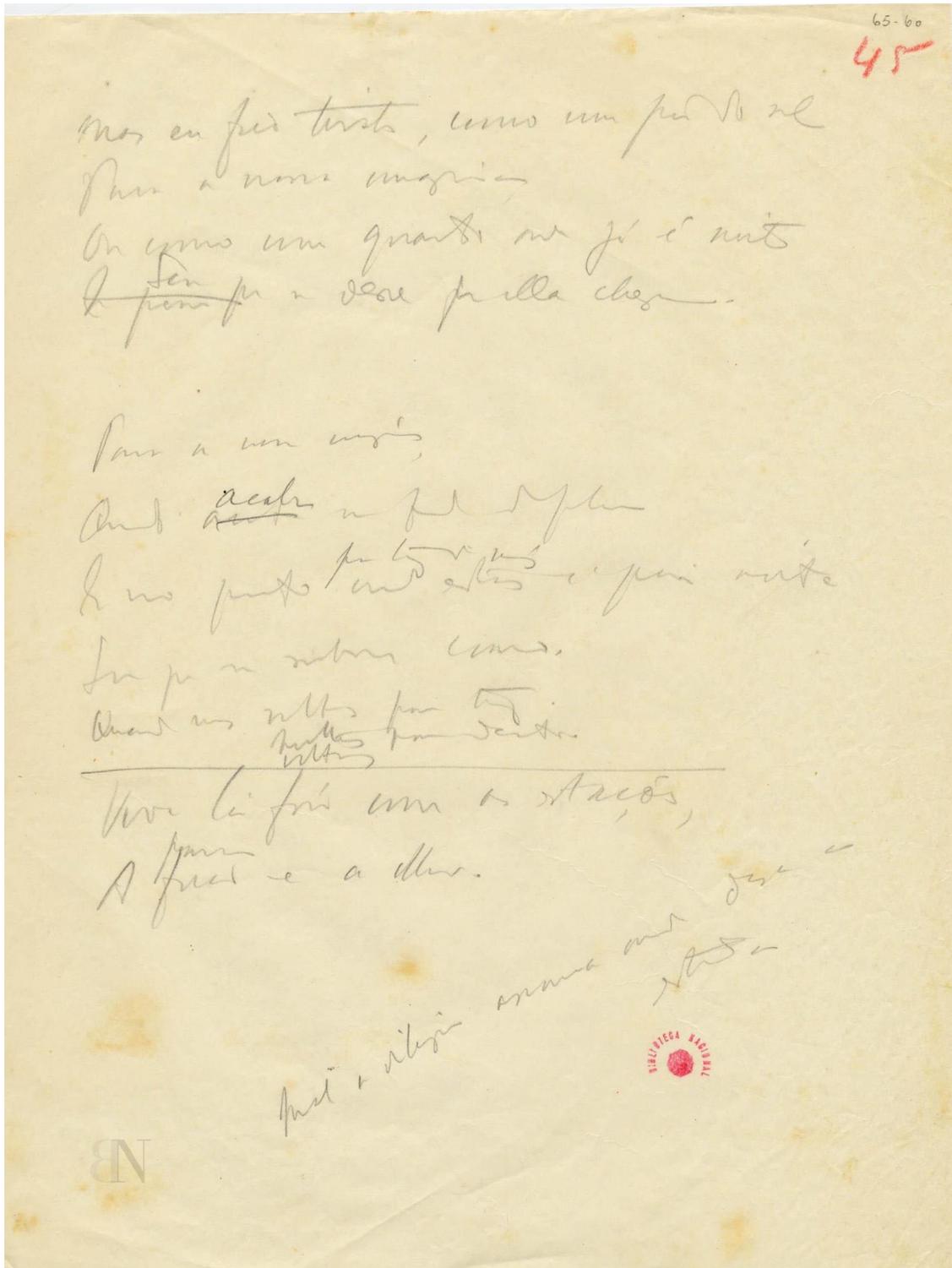
|| E se sente a vista entrar
sem se ter ~~do~~ ~~pr~~ ~~ella~~.
visto que e'

51

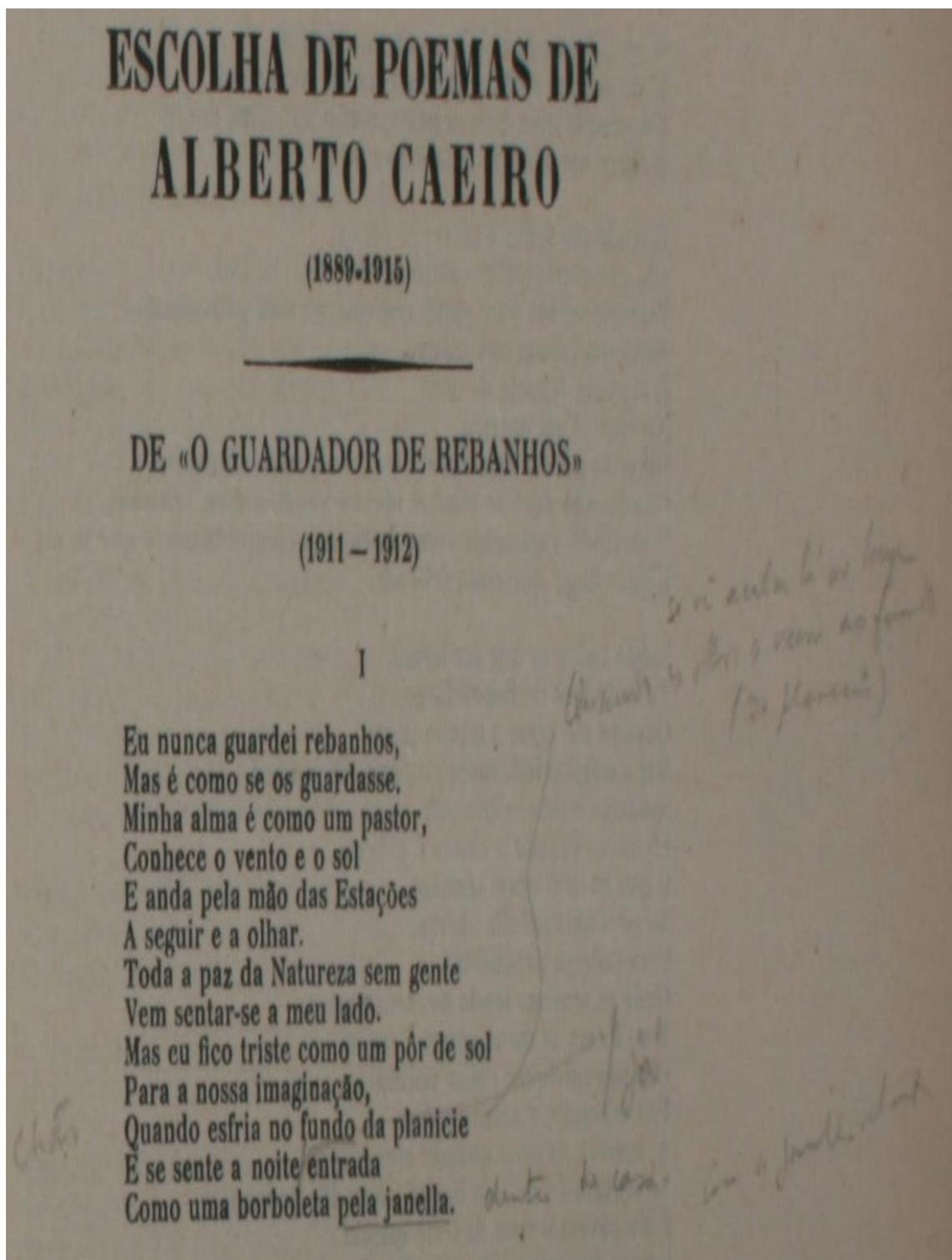
BIBLIOTECA NACIONAL

Fonte: Biblioteca Nacional (http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item82/P1.html).

Anexo 5 – Fragmento 2 (data específica a determinar)



Fonte: <D: http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item67/P1.html>.



Fonte: Casa Fernando Pessoa (http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/0-28MN/1/0-28MN_item1/P221.html).

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr do Sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

O GUARDADOR DE REBANHOS

I

1 Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse...
3 Minha alma é como um pastor,
4 Conhece o vento e o sol
5 E anda pela mão das Estações
6 A seguir e a olhar.
7 Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado...
9 Mas eu fico triste como um pôr de sol
10 Para a nossa imaginação,
11 Quando se vê acabar lá ao longe
12 E se sente a noite já entrada
13 Como uma borboleta pela janella.

14 Mas a minha tristeza é socego
Porque é natural e justa
16 E é o que deve estar na alma
17 Quando já pensa que existe
18 E as mãos colhem flores sem ella dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
21 Os meus pensamentos são contentes.
22 Só tenho pena de saber que elles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
24 Em vez de serem contentes e tristes,
25 Seriam alegres e contentes.

Fonte: (CASTRO, 2015).